

PEDRO ARRUPE: UM HOMEM PARA O NOSSO TEMPO

Porquê escolher este basco, mais tarde jesuíta e Superior-Geral da Companhia de Jesus, para patrono dum novo colégio, um colégio para o século XXI? Um colégio que desejamos venha a formar homens e mulheres bem preparados para responder a um futuro que apenas conseguimos vislumbrar? Normalmente, uma escola usa o nome de alguém que, por este aspeto ou por aquele, se assinalou no passado numa forma mais ou menos conhecida e reconhecida. Homenageia a pessoa e, vagamente, espera que a referência – às vezes tão distante no tempo e no contexto – inspire, de alguma forma, os seus alunos a assinalarem-se também. Pedro Arrupe enquanto patrono deste colégio significa muito mais do que isso.

Pedro Arrupe é inspiração logo como estudante. Foi uma inteligência brilhante e excelente aluno em todas as matérias que cursou. Basta dizer que, em 1923, na Faculdade de Medicina de São Carlos, de Madrid, ganhou o prémio extraordinário da sua classe, o que, em si, vale o que vale... É preciso acrescentar, no entanto, que deixou em segundo lugar o seu condiscípulo Severo Ochoa que, uns anos mais tarde, viria a receber, nada mais, nada menos, que o Prémio Nobel da Medicina...

Mas o seu mundo não se fechava em salas de aula e bibliotecas, nem o seu olhar se gastava só em livros e laboratórios. Como estudante, visitava regularmente os bairros pobres de Madrid, onde ajudava famílias que viviam na miséria. A aquisição de saber intelectual ia-se equilibrando, nele, com um exercício atento de compaixão e caridade. Se a sua mente de eleição se ia cultivando no saber, o seu coração delicado alargava-se, ao mesmo tempo, em solidariedade, cada vez mais sensível aos pobres. Assim, foi descobrindo, a partir do olhar sobre o sofrimento, a profundidade da experiência humana que desafia à abertura ao Transcendente.

Não lhe chegava já adquirir ciência e triunfar academicamente; nem mesmo a generosa disponibilidade para partilhar todo o supérfluo, tempo e dinheiro, com os mais necessitados o serenava. O conhecimento e a solidariedade levaram-no a entrever uma sabedoria maior, a escutar um apelo que o desafiava a um serviço radical, a tempo inteiro, em entrega completa a Deus pelos outros, dando já não só coisas e o que lhe sobrava, mas toda a sua vida. Seguindo o caminho dum seu compatriota basco de há 400 anos atrás, Inácio de Loyola, Pedro Arrupe entrou na Companhia de Jesus aos 20 anos. Afinal, o seu serviço às pessoas não seria pelo exercício da medicina, da medicina dos corpos, pelo menos.

Pouco depois, as vicissitudes políticas da época jogaram-no para o mundo. O exílio obrigou-o a deslocar-se de sítio para sítio e foi conhecendo os continentes e os povos, até desenvolver em si uma consciência planetária. Estudou na Bélgica e na Holanda, terminou a sua formação nos Estados Unidos e, finalmente, foi enviado para o Japão, um sonho que acalentou longamente, sem desistir perante as muitas dificuldades. As circunstâncias fizeram dele um cidadão do mundo. Na perda sucessiva de seguranças relativas abriu-se ao encontro com o diferente, à experiência da universalidade. Foi-se alicerçando afetivamente e espiritualmente em bases menos tangíveis, mas mais sólidas e mais seguras. Aprendeu a viver solto e a viver livre, sem se deixar amarrar a um espaço ou a um tempo. Desta confiança à prova de tudo brotará um

otimismo inabalável, fundado na fé, e a serenidade e a alegria com que viria a navegar os conturbados mares eclesiais da segunda metade do século XX. O desejo de perceber o outro, sem medo de se desinstalar para procurar compreender outras culturas a partir de dentro – que o levaram, por exemplo, a meter-se pelo mundo zen – é o mesmo impulso que o fez também encarar o futuro e a novidade como um desafio e um apelo para abraçar entusiasticamente, sem medo, sempre como oportunidade e chamamento.

E a vida não foi sempre fácil. Órfão e exilado, o dia mais marcante da sua vida, seria, no entanto, o 6 de agosto de 1945, quando testemunhou em primeira mão, presencialmente, a explosão da bomba atômica de Hiroshima. Nem mesmo este facto terrível, acrescido da experiência de ter passado as semanas seguintes a tratar feridas horrendas no hospital improvisado em que transformou a casa do noviciado nos arredores da cidade pulverizada, nem mesmo tudo o que viveu nesses dias e que o marcou profunda e dolorosamente, nem mesmo isso o fez descreer da bondade humana ou do valor da ciência e da técnica como meios para construir um mundo mais justo. Continuou sempre a acreditar em cada pessoa e a esperar o melhor de cada um – mesmo que, por isso, às vezes, lhe viessem a chamar ingénuo.

Eleito Superior-Geral dos jesuítas durante o Concílio Vaticano II, deparou com mudanças e uma instabilidade que assustaram e paralisaram muitos. Não a ele. Diante de desafios completamente novos, para os quais não havia modelos que servissem de guia, proclamou uma das suas frases célebres: «o maior erro de todos seria não fazer nada por medo de cometer erros!». O seu otimismo resolvia-se também em ousadia e capacidade de risco. Nunca sobrevalorizou a aparente segurança do habitual e experimentado em desfavor do desconhecido e da inovação. Não tinha medo de tempos novos, nem medo de encetar caminhos novos. Assim guiou a Companhia de Jesus e inspirou a Igreja pós-conciliar.

Conduziu a Companhia à recuperação das suas fontes, ao seu princípio e fundamento, resgatando a tradição fundante do conhecimento da vida de Inácio e dos Exercícios Espirituais. Valorizou, assim, a experiência, a sabedoria acumulada do passado, mas não se deixou nunca perder em tradicionalismos medrosos. Para ele, também, na fórmula dum companheiro jesuíta seu contemporâneo, a tradição é a vida viva dos mortos, e não deve ser nunca a vida morta dos vivos. «Não se pode querer responder às perguntas do presente com as respostas do passado», declarava ele desassombadamente. A criatividade era para Pedro Arrupe uma obrigação. O futuro era onde tinha sempre o olhar, porque acreditava que era Deus quem conduzia a História e ele queria deixar-se levar nesse movimento. O maior desejo de toda a sua vida era sentir-se totalmente nas mãos de Deus, como viria a confessar no seu discurso de renúncia ao Generalato, lido por outrem na Congregação Geral de 1983.

É assim que está disponível para olhar para além de si mesmo, para sair, e levar os outros a sair dos espaços de conforto. Virou-se para os ateus, para as vítimas da injustiça, para os refugiados. Desafiou a Companhia de Jesus a envolver-se no diálogo com o mundo da descrença. Redefiniu o núcleo essencial da vivência da fé, mostrando que é inseparável da busca da justiça. Criou o Serviço Jesuíta para os Refugiados. Percebeu a necessidade duma colaboração cada vez maior e promoveu o papel dos leigos na Igreja, convidando os jesuítas a vê-los e a aceitá-los como colaboradores em pé de igualdade no trabalho apostólico.

Mas nem tudo foi promoção de novidades ou realização de ruturas. Contra o sentir de muitos, Pedro Arrupe defendeu, nos anos 70, a continuada importância da aposta na educação. Não deixou que o valor apostólico dos colégios fosse posto em dúvida e lançou-se num fecundo trabalho de reflexão e escrita sobre educação e pedagogia inaciana, deixando um legado que ainda hoje é ímpar e continua tão vivamente inspirador como há 30 anos atrás. É nessa altura que cunha a fórmula síntese da educação jesuíta ainda hoje tida como referência: “formar homens e mulheres para os outros”.

Concluindo, como patrono deste colégio, Pedro Arrupe significa muito mais que um nome de pessoa importante. A pessoa e a vida de Pedro Arrupe são elas próprias um programa de educação. Um colégio, mesmo que não tivesse mais nada, nem projeto educativo nem ideário, só por ter escolhido o nome de Pedro Arrupe, já tinha instituído para si, para os seus responsáveis, os seus professores, os seus alunos, as famílias dos seus alunos, um desafio, um estímulo, um repto. Ter como referência um homem historicamente tão próximo do nosso tempo, tão carismático na sua ação e na sua palavra, tão inspirador para o serviço de educar e para a responsabilidade de se educar e se deixar educar, é um grande privilégio – é o grande privilégio, ou, em termos mais inacianos, é o dom e a vocação do Colégio Pedro Arrupe: ser fiel ao exemplo de serviço, de paixão, de responsabilidade, de abertura, de ousadia, de criatividade, de otimismo, de alegria e de liberdade do seu patrono.

Que todos os que vierem a passar por este colégio sejam dignos do nome que o assinala.

[Hermínio Rico, sj., discurso inaugural da Cerimónia de bênção da 1ª pedra do Colégio Pedro Arrupe, a 14 de novembro de 2009]